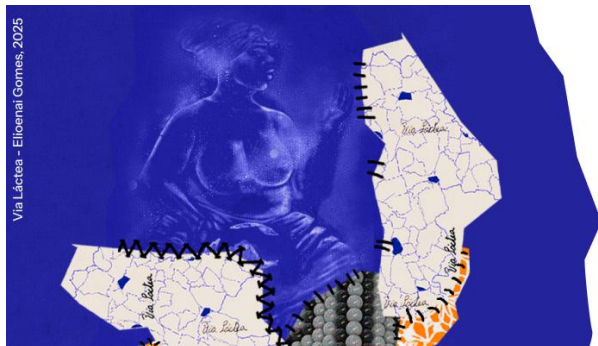




OMOLU E O ENSINO DE ARTE: MITO AFRO-BRASILEIRO E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA ESCOLA

Ryan Paes de Oliveira¹ – UFMS

Paulo César Antonini de Souza² – UFMS

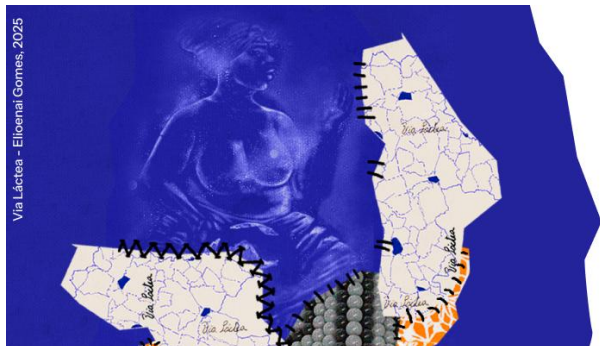
Este estudo volta-se para a elaboração de uma investigação articulada com uma ação artística pedagógica para o ensino de arte, articulando a experiência estética e a narrativa mitológica afro-brasileira, com foco no mito do nascimento do Orixá Omolu. A questão central consiste em compreender como o mito pode se configurar como instrumento formativo (Poli, 2024), capaz de promover experiências estéticas significativas no Ensino Fundamental II.

O percurso dessa pesquisa, em desenvolvimento no mestrado profissional em artes (Oliveira, 2025), fundamenta-se na Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (2006), segundo a qual o corpo próprio constitui simultaneamente sujeito e objeto, espaço de visibilidade e invisibilidade. Dialoga, ainda, com a hermenêutica aplicada ao ensino de arte (Souza, 2022) e com a crítica pedagógica de João Francisco Duarte Júnior (1981), articulando os fundamentos estéticos da educação à prática docente.

No ensino de arte, a experiência estética, muitas vezes, limita-se a análises formais de obras de arte ou à memorização de dados históricos, conforme aponta-nos Duarte Júnior (1981), desvinculando-se do universo sensível e vivido do estudante. Essa abordagem reflete, em parte, o modelo de educação bancária criticado por Paulo

¹ Mestrando em Arte no ProfArtes (PPGARTES/FAALC/UFMS); Especialista em Educação Especial (FAAL/MG); Licenciado em Artes Visuais (FAALC/UFMS), Membro do Grupo de Pesquisas CNPq “Núcleo de Investigação de Fenomenologia em Artes” (NINFA/UFMS); Artista visual com ênfase na pintura; Docente atuante na Rede Pública de Ensino Estadual em Campo Grande/MS. *E-mail:* ryanpaesdeoliveira@gmail.com.

² Doutor e Mestre em Educação (PPGE/UFSCar); Licenciado em Educação Artística (FAAC/UNESP); Líder do Grupo de Pesquisas CNPq “Núcleo de Investigação de Fenomenologia em Artes” (NINFA/UFMS); Docente atuante nos cursos de Artes Visuais - Licenciatura; Artes Visuais - Bacharelado; Audiovisual Bacharelado e no ProfArtes (PPGARTES/FAALC/UFMS). *E-mail:* paulo.antonini@ufms.br.



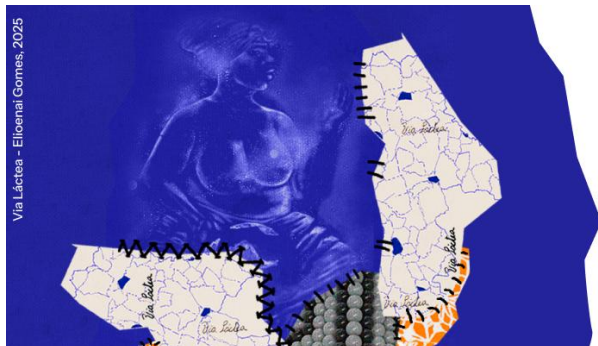
Freire (2005), que pouco valoriza a dimensão corporal, experiencial e perceptiva da aprendizagem.

Nesse contexto, a perspectiva de Ivan Poli (2024), que se apresenta pela Pedagogia dos Orixás, propõe a inserção crítica e formativa das narrativas afro-brasileiras no campo pedagógico, reconhecendo sua densidade simbólica e educativa. Por esse conjunto de elementos, o foco central do trabalho se volta ao mito do nascimento do Orixá Omolu, cuja narrativa, marcada por dor, rejeição e acolhimento, revela a transfiguração simbólica da feiura em beleza pela mediação do cuidado (Caprara, 1998). Tal abordagem, vinculada também à trajetória pessoal do primeiro autor deste trabalho, busca tensionar concepções hegemônicas e eurocêntricas de *belo* e *feio*, abrindo espaço para uma compreensão desdobrada do fenômeno estético, intencionalmente investigando e propondo uma epistemologia do belo afrocentrada.

O estudo tem como finalidade analisar as possibilidades pedagógicas do mito aplicado ao ensino de artes visuais, propondo uma intervenção que combine contação de histórias, leitura de imagens e criação coletiva, de modo a favorecer, ao longo do processo, experiências formativas atravessadas pelo universo sensível e no mundo vivido discente, tensionadas e provocadas pela compreensão mitológica.

Dessa forma, objetivamente, na tradição oral iorubana, o mito narra o nascimento de um Orixá coberto de chagas, que por sua feiúra, foi rejeitado por sua mãe biológica, Nanã, e abandonado na praia, na qual, posteriormente é acolhido e adotado por Iemanjá, que cuida de suas chagas, o cobrindo com palhas sagradas, revelando-o, através do tempo e do zelo, como uma divindade bela, que caminha entre a doença e a cura. Nesse caso, a dialética entre dor e cuidado, visível e invisível, feiura e beleza, constitui o cerne simbólico da proposta.

Na tradição religiosa afro-brasileira, o *azé* — a vestimenta ritual de palha de Omolu — simboliza cura e proteção, funcionando como um véu que encobre e ressignifica a passagem do feio ao belo, da doença à saúde, da morte à vida. No campo pedagógico, esse conceito pode ser mobilizado como metáfora formativa,



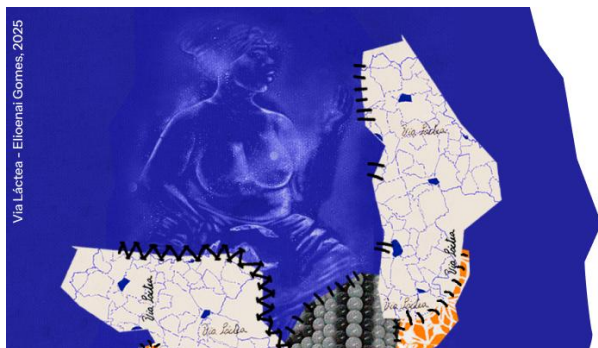
sobretudo quando articulado ao mito. A proposta de confeccionar coletivamente o *azé*, enquanto exercício didático/prático, traduz-se em um processo estético que, ao velar as características externas de identidade e aparência, possibilita aos estudantes vivenciar um gesto simultaneamente, criador e educativo, facilitando a atenção discente ao campo sensível, subjetivo.

Figura 1 – Nelson Boeira Faedrich (BRA, 1912-1994). Xampanã - o médico do candomblé, 1978. [Série Orixás – Deuses do Panteão Africano]. Técnica mista, 62 x 45 cm.



Fonte: Ramos, 2017, p. 241

Nesse contexto, compreende-se significativa a conceituação presente nas reflexões de Merleau-Ponty (2006), no âmbito da percepção como experiência primordial, situada no corpo vivido, com a formatividade, como proposta por Pareyson (2001), reconhecendo o sujeito que também se forma ao dar forma às suas



expressões, pela experiência estética ordenada nos vínculos afetivos, como organiza Yi-Fu Tuan (2012), entre corpo, espaço e ambiente. É com fundamento nesse referencial que, o **azé** pode ser compreendido como um dispositivo pedagógico, integrando mito, corpo e espaço, e possibilitando a emergência de experiências estéticas significativas no ensino de arte.

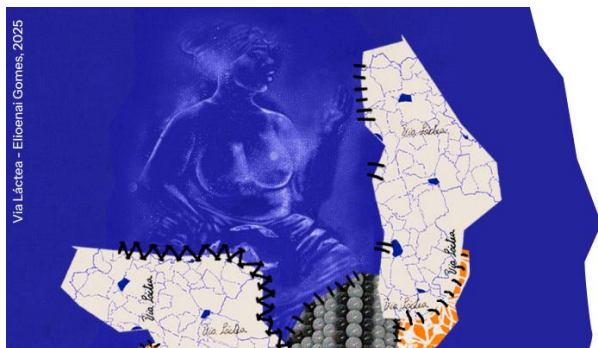
Podemos observar na produção artística de Faedrich (Figura 1), Omolu encoberto por seu manto de palha, em gesto que sugere-nos um movimento expansivo de dança. A imagem de Omolu, erguida e imponente, é rodeada por uma atmosfera etérea, estimulada por tons arroxeados, e cercado por elementos fúnebres (carcaça de ossos, sombras, crânio humano), tensionando a dualidade de seu domínio, entre morte e vitalidade. A visualidade arquetípica amplia a discussão pedagógica, pois permite relacionar a experiência estética à leitura simbólica, desvelando o modo como o corpo marcado e velado se afirma como testemunho de cura e transformação.

De encontro às contribuições de Ivan Poli (2024), que afirma a necessidade pedagógica dos Orixás, no uso de narrativas afro-brasileiras como dispositivos educativos. A presença de Omolu, especificamente no ensino de artes visuais, ultrapassa uma referência cultural, de cunho estritamente religioso, revelando-se um catalisador de experiências didático-pedagógicas, que dentro de uma estratégia de mediação estética, adquire valor humano — formativo.

Objetivo geral:

Investigar, sob uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica, as possibilidades pedagógicas do mito do nascimento de Omolu na promoção de experiências estéticas no ensino de arte.

Objetivos específicos:



Compreender, à luz da fenomenologia, como a experiência discente pode ser mobilizada a partir do corpo próprio, em relação com o sensível e o vivido.

Analisar a dimensão simbólica e formativa do mito de Omolu, identificando seu potencial educativo no contexto escolar.

Estruturar uma proposta de intervenção pedagógica que articule a contação do mito, leitura de imagens e criação coletiva de um objeto artístico representando o azé de Omolu. (Tuan, 2012), que evidencia os laços afetivos entre corpo e ambiente.

METODOLOGIA: um caminho fenomenológico-hermenêutico

A pesquisa será conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, conforme orientações de Bogdan e Biklen (1994) de natureza fenomenológico-hermenêutica. Fundamenta-se na Fenomenologia da Percepção (Merleau-Ponty, 2006) — neste estudo, à experiência estética do(a) discente em sua relação com o corpo, o mito e o gesto criador — e na hermenêutica indicada por Antonini de Souza (2022), que compreende toda descrição como já carregada de sentido e construída no diálogo entre pesquisador, participantes e fenômeno.

A investigação envolverá o desenvolvimento de uma intervenção pedagógica com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II, no ano de 2026, ao longo de seis a dez encontros. A proposta buscará articular a contação do mito do nascimento de Omolu à leitura de imagens e à criação de objetos artísticos que representem seu **azé** — a vestimenta ritual de palha característica de Omolu — compreendida enquanto expressão simbólica e formativa.

Considerações: horizontes esperados da pesquisa

A investigação buscará compreender se, e de que modo, a mediação do mito do nascimento de Omolu, articulada ao fazer artístico e ao contexto escolar vivido,

favorece a emergência de sentidos capazes de tensionar modelos convencionais de beleza e de ampliar modos de percepção estéticos dos estudantes.

A criação coletiva do **azé** será tratada como prática formativa: um procedimento pedagógico que permite trabalhar, no plano simbólico e material, temas como chaga, cuidado e transformação. Não se entende essa atividade como uma receita pedagógica, mas como um dispositivo experimental que sinaliza possibilidades didáticas a serem problematizadas e adaptadas ao contexto escolar.

Em consonância com Poli (2024), a pesquisa assume que narrativas afro-brasileiras podem atuar como vetores formativos quando incorporadas ao currículo de modo crítico e contextualizado. Ao mesmo tempo, a investigação permanecerá prudente quanto a generalizações: os resultados serão apresentados como interpretações situadas, que descrevem fenômenos observados naquele contexto específico e indicam hipóteses e horizontes para estudos posteriores.

Por fim, a investigação pretende abrir caminhos para que o ensino de arte considere a complexidade simbólica da mitologia afro-brasileira, promovendo experiências estéticas situadas, reflexivas e sensíveis, sem pretensão de soluções universais.

Referências

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CAPRARA, Andrea. O médico ferido: Omolu nos labirintos da doença. In: ALVES, Paulo César; RABELO, Miriam Cristina (org.). Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Relume Dumará, 1998. p. 123-138.

DUARTE, João Francisco Junior. Fundamentos estéticos da educação. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1981.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Ryan P. Entre corpo e espírito: bori e os orixás como fenômeno estético para o ensino de arte. 2025. 15 f. Projeto de pesquisa (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação em Artes (PROFARTES), Campo Grande, 2025.

POLI, Ivan. Pedagogia dos Orixás. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2024.

RAMOS, Paula. Deuses do panteão africano: os Orixás na vivência e na interpretação de Nelson Boeira Faedrich. In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 37., 2017, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte; UFRGS, 2017. p. 240.

SOUZA, Paulo C. A. Por quem somos e seremos: fenomenologia, saberes populares, arte e docência. In: SOUZA, P. C. A.; ABREU, S. R.; FERNANDES, V. L. P. Percursos na formação em arte: abordagens e reflexões epistemológicas. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2022, p. 194-241. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5115>. Acesso em: 01 Agosto 2025.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 2012.